

AROLDO MURÁ G. HAYGERT

VOZES DO PARANÁ

RETRATOS DE PARANAENSES

ALEXANDRE CURI
ARY DE CHRISTAN
BENTO GARCIA JUNIOR
GLEISI HOFFMANN
GUSTAVO FRUET
IRINEO DA COSTA RODRIGUES
JAIME LERNER
JOÃO OSÓRIO BRZEZINSKI
LUIZ ALFREDO MALUCELLI
LUIZ FERNANDO DE QUEIROZ
ELIN TALLAREK DE QUEIROZ

2

PEDRO CORRÊA DE OLIVEIRA

RAUL TROMBINI
RENÉ DOTTI
RICARDO HOEPERS, PE.
RICARDO PASQUINI
WALDO VIEIRA
WILSON DE ARAÚJO BUENO



Convivium
editora Ltda.

© 2009 Aroldo Murá G. Haygert

Produção editorial

Editora Esplendor
Jubal Sérgio Dohms

Revisão

Agostinho Baldin
Luis Henrique Zanon Franco de Macedo (referências)

Projeto gráfico e capa

Jubal Sérgio Dohms
sobre layout de Clarissa Martinez Menini
(para o primeiro livro da coleção)

Arte

Carlos Augusto Rougemont
Gilberto Nunes Guerra

Fotos

01: Alice Varajão
02 a 12: arquivo pessoal

Dados internacionais de catalogação na fonte
Bibliotecária responsável: Angela M. S. Cherobim

H412 Haygert, Aroldo Murá G.
Vozes do Paraná: retratos de paranaenses /
Aroldo Murá G. Haygert - Curitiba: Esplendor;
Convivium 2009.
300p.: il.; 23 x 28cm.
ISBN 978-85-98364-21-6

1. Paraná – Biografia. I.Título

CDD (22ª ed.) 920.098162

1ª Edição



Para adquirir este livro, entre em contato com a
CONVIVIAM EDITORA LTDA.
Av. Sete de Setembro 5569, sala 1106
Curitiba PR
CEP 80240 001
Telefone (41) 3243 2530
contato@conviviumeditora.com



EDITORA ESPLENDOR
Rua Deputado Mário de Barros 752 -
Juvevê
Curitiba-PR
CEP 80530 280
Telefone (41) 3253 4608
eduardo@esplendorbrasil.com.br

Impresso no Brasil

apresentação

Este segundo volume de VOZES DO PARANÁ nasceu porque, sendo parte de um projeto pessoal do autor, foi empurrado por resultados além do esperado. Houve muitas manifestações positivas sobre perfis com que mostrei homem e mulheres singulares da vida paranaense.

De todas as expressões, a que mais me animou foi o olhar sapiente que sobre este trabalho colocou o crítico literário e analista da sociedade brasileira – vide História da Inteligência Brasileira e Um Brasil Diferente –, o mestre Wilson Martins.

As observações da genial personalidade brasileira (ele ainda não teve o justo reconhecimento de sua terra) são lições que ficam. Eu as recolhi absolutamente surpreso, compungido, até, pois não imaginava merecer meu livro avaliações de um nome tão paradigmático da cultura brasileira.

Este segundo volume nasce com o compromisso de ampliar os “retratos” de paranaenses, salientando sua obra, pois se trata de gente que ajuda a definir o Paraná contemporâneo de maneira particularmente saliente. São novos construtores da sociedade, parceiros da História. Uma parcela pequeníssima, é certo, mas bem representativa de um Paraná multifacetado.

O livro tem só essa pretensão: registrar as pisadas de alguns, escolhidos entre milhões de paranaenses, como parte de uma mostra preciosa. Conhecê-los pode ser um exercício lúdico, em certos casos; noutros, um desvendar de tipos psicológicos que orgulham o Paraná, por sua obra até internacional.

A leitura dos feitos desses personagens pode propiciar uma boa imersão em realidades valiosas, nem sempre muito conhecidas, absolutamente importantes para o melhor entendimento dessa terra de todas as gentes.

Aroldo Murá G. Haygert
aroldo@cienciaefe.org.br

Curitiba, 26 de maio de 2009



Pedro Corrêa de Oliveira com o comércio nas veias

O comerciante de vinhos, iguarias e acessórios gastronômicos Pedro Corrêa de Oliveira nasceu em Curitiba no dia 26 de outubro de 1964. Ele é o quarto filho do jurista, professor e advogado José Lamartine Corrêa de Oliveira Lyra e da escritora e também professora Leonor do Rocio Demeterco Corrêa de Oliveira – filhos de famílias de origens e culturas tão distantes e distintas que um dia, por obra do acaso, se encontraram num congresso de jovens católicos.

Como os irmãos Luiz André (primogênito), Bruno e Fernando, o russinho Pedro – como o chamava a avó portuguesa Arminda Morgado da Hora Corrêa de Oliveira, por causa dos cabelos e da pele muito clara herdados dos Demeterco – passou o início da infância no bairro Bacacheri, na casa comprada pela família do amigo desembargador Armando Jorge Carneiro. Nos anos Setenta, seguiu com os pais e os irmãos para o novo endereço na Praça Espanha, coração do Batel, e a seguir para o Bigorrião, nas proximidades do Hospital Evangélico.

É nesse bairro que, até hoje, mora com a família – a esposa Joseane Podolak Corrêa de Oliveira e o filho Pedro e a sobrinha Camila – e frequenta, costumeiramente, a missa de domingo na Igreja dos Passarinhos. “Crescemos em meio à fé católica e ao mundo do comércio herdados do lado materno e à visão do Direito e do Humanismo do ramo paterno”, conta.

A mistura étnica e de referências sociais que moldaram Pedro é variada. Do lado do pai, carioca filho de portugueses que escolheram Pernambuco para se fixar, veio o interesse pelas causas humanistas e sociais. “Para ele, que abominava qualquer tipo de favorecimento, o que valia era o mérito. Meu pai entendia que as oportunidades tinham de ser efetivamente iguais para todos”, conta.

Para se ter uma ideia do quanto esses temas sempre foram caros à família Demeterco-Corrêa de Oliveira, basta lembrar a amizade de José Lamartine com figuras de destaque para a história recente do Brasil como dom Hélder Câmara e o jurista Sobral Pinto – de quem, além de amigo, o professor Lyra também foi assistente. Atraído pela sua respeitabilidade, Leonel Brizola veio a Curitiba e o convidou para ingressar em seu novo partido. Do jurista, ouviu um rotundo não.



Com o avô José Luiz Demeterco.

De parte da mãe, veio a mistura de gens alemãs, italianos e ucranianos e o gosto pelo comércio. Contribuíram para isso o encontro da bisavó Giusephina Bonvini – cujo sobrenome coincidentemente anteciparia o nicho de mercado escolhido pelo bisneto comerciante – com o bisavô Pedro Demeterco. Cada qual ajudava sua família nos empreendimentos familiares mantidos na Praça Tiradentes, que futuramente viria a ser endereço de uma das lojas da rede de supermercados Demeterco. Na geração seguinte, foi a vez do brasileiro de origens ucranianas e italianas José Luiz Demeterco, filho de Pedro e Giusephina, unir-se a uma descendente da família de origem alemã Gaertner Fleishfresser.

Se o comércio falou mais forte ao coração de Pedro no momento da escolha profissional, as demais referências familiares – como o sentido profundo de ética – também foram decisivas. “Sempre tivemos o trabalho como

uma extensão da nossa casa. Ele sempre foi e continuará sendo como a casa e o armazém dos avôs Pedro e José Luiz. De tão próximos, eram quase uma coisa só”, lembra Pedro.

Menino nascido numa família em situação financeira bastante confortável, porém conquistada à base de suor e o estudo, Pedro e os irmãos cresceram ouvindo que “o dinheiro que entra fácil também sai da mesma maneira”. Por isso, quem quer ter alguma coisa na vida precisa trabalhar.

Muito longe de serem apenas discurso, as palavras desde sempre ouvidas dos pais, tios e avós estavam calcadas numa rotina de que ele próprio, ainda garoto, participava. Assim, boa parte do tempo das férias escolares de verão do menino de mais ou menos 10 anos de idade eram desfrutadas na própria rede de supermercados Demeterco, fundada pelo bisavô ucraniano de quem her-

dou o nome, na montagem de cestas de Natal.

Como estava sujeito qualquer outro funcionário em condições de se desincumbir da missão, Pedro também circulou pelos supermercados da família vestido de Coelhoinho da Páscoa, cativando a atenção da clientela sobre as opções alimentícias oferecidas para a primeira grande celebração católica do ano. Com o passar do tempo, trabalhou em todos os setores do empreendimento tocado pelos tios Roberto, Rui Luiz e Bernardete – responsáveis por repassar ao sobrinho uma visão ampla do negócio.

Por isso, ao lado de outras referências familiares, os tios maternos – todos vivos – estão entre seus grandes

ídolos. “O tio Rui é, sem sombra de dúvida, um gênio comercial. Já o Roberto tem uma invejável visão geral do negócio, enquanto a Bernardete é detalhista, perfeccionista ao extremo”, resume.

Mesmo acompanhando o envolvimento do filho com a área comercial, o especialista em Direito de Família e Constitucional, advogado militante e professor em universidades de Portugal, Itália e Alemanha José Lamartine Corrêa de Oliveira Lyra acalentava o sonho de que, como ele, o rapaz pudesse abraçar o Direito.

Pedro procurou fazer o gosto do pai e até tentou uma aproximação com a área, chegando a atuar em seu es-



Sobral Pinto, Leonor (mãe), Pedro (no colo) e Luis André (1966).



No Graciosa Country Club, com Lamartine (pai), Luiz André e Bruno.



Na grande família, laços fraternos seguros. A mãe, Leonor, é a do meio, na primeira fila.



Com o pai e a mãe, em Portugal.

critério de advocacia. Foi no início dos anos Oitenta, enquanto começava o curso de Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica.

No entanto, ao invés de abrir a Pedro outros horizontes de interesses e possibilidades de atuação profissional, os anos de universidade e o estágio acadêmico na Penitenciária do Ahu reforçaram nele o gosto e a vocação pelo comércio. “Aquelas eram oportunidades que não eram para mim. Eu já tinha encontrado minha vocação”, conta.

A opção definitiva pelo comércio aconteceu em me-

dos daquela década, quando o jovem deixou o estágio e o curso universitário inacabado, para então se dedicar profissionalmente à rede Demeterco, que teve lojas espalhadas por Curitiba e Maringá até o final dos anos noventa.

Como o bisavô – imigrante ucraniano – e o avô, que lançaram as sólidas bases da rede de supermercados no início do século XX, Pedro Corrêa de Oliveira nasceu com visão comercial de longo prazo. Tanto assim que, antes da venda do bem-estruturado negócio familiar para a rede portuguesa Sonae, reuniu a mãe, os irmãos



Pedro, em 1992.



Pedro, Joseane e Bruna.

e o tio Rui e começou a dar vida à Porto a Porto.

Especializada na importação e exportação de cerca de setecentos itens como vinhos, alimentos e acessórios gastronômicos, a sociedade hoje não conta mais com Rui, porém abrange a Casa Flora, de São Paulo. “Constituímos uma empresa que não conflitasse com a vocação produtiva do Brasil, mas que a complementasse e, como foi no passado com a rede Demeterco, que atendesse à sua clientela dentro da proposta de loja pensante, adaptada ao perfil de cada cliente”, resume Pedro, referindo-se ao capricho com que é tocado o negócio.

Para pesar dos apreciadores de bebidas como vodka e whisky, a Porto a Porto não tem bebidas destiladas em seu catálogo. “Foi uma opção comercial”, explica Pedro, que responde pela direção-geral do negócio que já completou uma década.

Por meio da parceria comercial e de amizade inaugurada em 2003 com a cinquentenária empresa paulista fundada pela família Carvalhal, a jovem Porto a Porto está hoje entre as três maiores empresas do gênero no Brasil. “Temos catorze mil clientes, concentrados prin-

cipalmente em São Paulo, e uma equipe com mais de cinquenta pessoas apenas na área de vendas”, revela Pedro.

Se o negócio prospera, Pedro e os sócios não desprendem os olhos do noticiário internacional sobre o estrago que, desde meados do ano passado, a grande crise vem fazendo entre as economias mais sólidas do planeta. “Temos uma economia forte, que se mantém apesar da falta de clareza das regras do jogo, mas as mudanças cambiais nos afetam e precisamos de segurança para crescer”, diz, traduzindo um sentimento coletivo do segmento produtivo que ele representa por meio do Conselho Superior da Federação das Associações Comerciais e Empresariais do Paraná (Faciap) e do Instituto de Planejamento e Promoção do Comércio Exterior (Ippex), entre outras entidades de classe.

A expectativa em torno dos rumos da economia se estende à política. “Precisamos de gente nova nessa área e de definição efetiva de prioridades”, afirma o empresário que um dia chegou a se entusiasmar com o carisma de Leonel Brizola e para quem a educação obrigatória

de crianças e adolescentes é o ponto de partida para a reversão do cenário de violência e baixa renda no País. “Não sairemos do lugar enquanto continuarmos combatendo a consequência (a violência) e a causa (crianças sem escola) permanecer não merecendo a devida atenção das políticas públicas”, afirma.

Bem-sucedido no ofício que respira desde a infância e ao qual se dedica com prazer, Pedro Corrêa de Oliveira não é daqueles que só têm olhos para o trabalho. Cultiva a família, os amigos e encontra até tempo para tocar bateria – pelo menos uma vez por mês – com os amigos do grupo de rock Excesso. É basicamente a mesma banda que nasceu ainda nos anos de juventude com o nome de Excesso Lateral e ainda conserva o mesmo guitarrista e amigo de infância Paulo Thoms.

Foi por meio da música, de certa forma, que Pedro conheceu a esposa e companheira de 22 anos de casa-

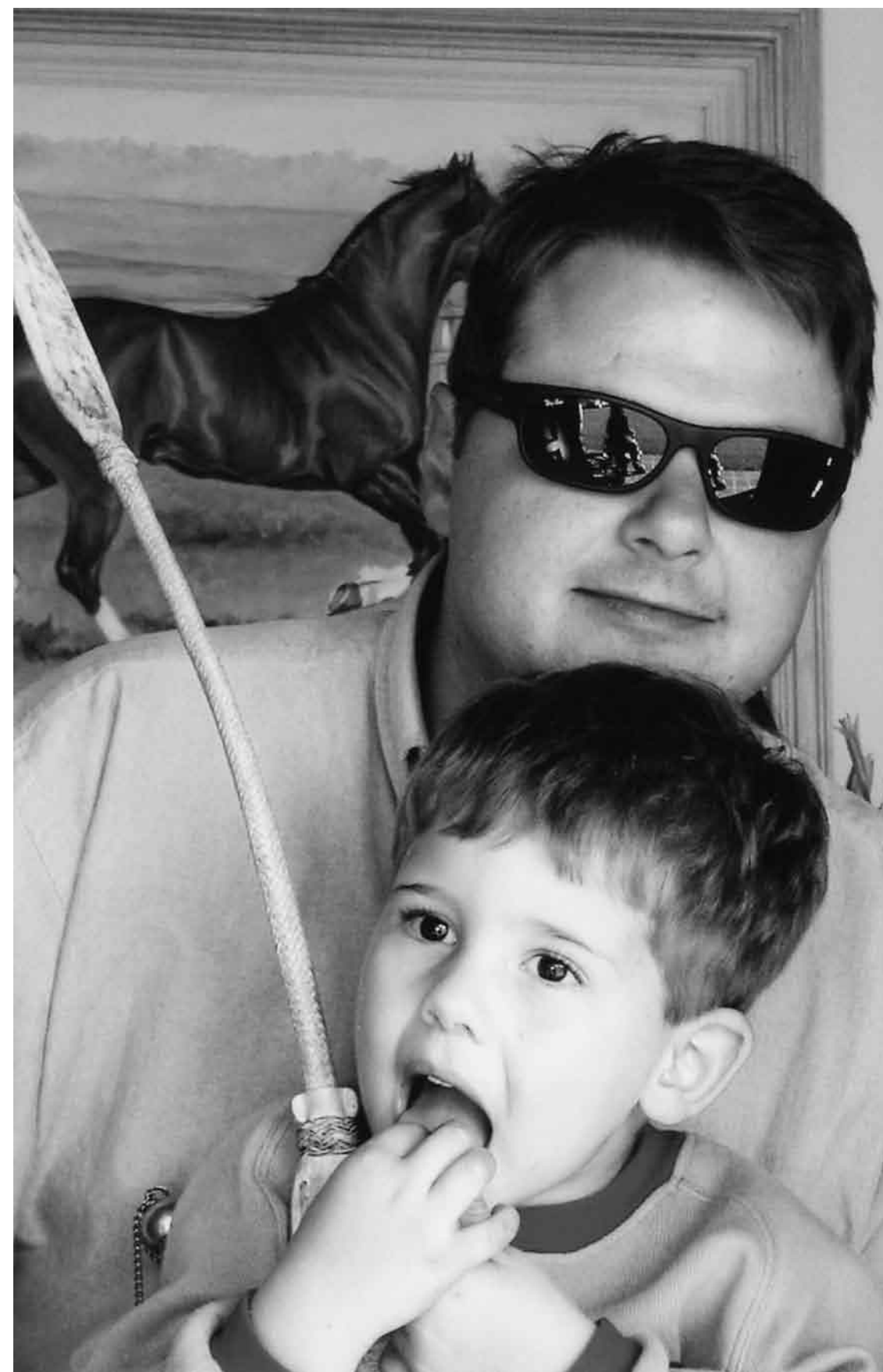
mento, no Clube Curitibano, em 1984. “A Joseane era vizinha do guitarrista do grupo, que nos apresentou. Ali começou nossa história”, lembra.

O casamento aconteceu na igreja de Santo Agostinho, em 1986, e gerou dois filhos: Bruna, que se foi muito cedo, aos 7 anos, por conta de um acidente de carro, e João Pedro, hoje com 11 anos. Camila – a filha do coração que já é uma moça e vai herdando de Pedro o gosto pelo comércio – foi adotada depois que a cunhada, e mãe da menina, morreu.

Se a perda da filha ainda criança foi um duro golpe enfrentado à custa da muita fé em Deus e da forte união familiar – “é um pedaço da gente que vai faltar sempre”, diz – a aproximação maior com Camila e a chegada de João Pedro foram uma bênção. Companheiro de pescaria desde os 3 anos – de preferência na Baía de Guaratuba, se depender da dupla – de bateria e de torcida pelo



O cristianismo é valor recebido do sábio jurista Lamartine e de Leonor, a mãe.



Pedro e o filho João Pedro.

Clube Atlético Paranaense, o garoto é a paixão desse pai-empresário. Como Pedro, João faz parte da torcida atleticana.

Herança de José Lamartine, Pedro também cultiva o hábito de ir ao cinema. “Graças ao meu pai, tivemos a oportunidade de ver e rever juntos toda a filmografia de Alfred Hitchcock e Charles Chaplin, que ele adorava”, exemplifica ele, que acaba de assistir e recomenda A Troca, de Clint Eastwood.

Por conta dos negócios, já estive na China mais de dez vezes. Apesar de não estar em sua relação de lugares preferidos, tem um sentimento especial pelo país asiático. “As mudanças que pude acompanhar são interessantes. Quando fui pela primeira vez, as pessoas usavam roupas iguais. Depois, foram surgindo os sinais da abertura, como a instalação das lanchonetes Mc Donalds”, explica.

Enquanto os ensaios e as apresentações da banda Excesso não são tão frequentes quanto Pedro gostaria – a última foi em 2006 – aprecia, em casa, o bom e velho *rock and roll*.

Pedro, aquele que foi coelho da Páscoa

Dá até para entender Pedro, de família tradicional curitibana, como “band leader”, anos 80s, de banda de *rock*. “Excesso Lateral” foi uma banda que marcou época no *underground* curitibano. Difícil mesmo é imaginá-lo e a seu irmão Fernando desencaixotando mercadorias, e montando cestas de natal ou vestidos de coelho da Páscoa, distribuindo chocolates para crianças na entrada das lojas da rede Mercadorama no início dos anos 70.

Pois ele e o irmão foram coelhos (e até papais no-éis), como parte do longo aprendizado que a grande família impôs como regra a seus filhos. Nos anos 80s, mergulhou no Mercadorama, e se sujeitou às regras da empresa, como qualquer outro empregado. Foram solicitados para as mais diversas funções, no escritório e nas lojas. Tudo foi parte de um preparo empresarial que, se não era inovador para as velhas gerações, mas já não era comum na geração de Pedro.

A imersão, desse jeito, nas vísceras da atividade empresarial, antecipou-lhes realidades que, de outra forma,



Com a banda “Excesso Lateral”.



Com a mãe, irmãos, sobrinhos e cunhada.

poderiam conhecer muito mais na teoria e nos tratados acadêmicos.

Essa mentalidade de envolvimento pleno com o negócio da família foi herança do bisavô ucraniano Pedro Demeterco, e do avô José Luiz Demeterco (Zeca), com os quais plantaram-se as bases de uma das mais prósperas e sólidas redes de supermercados do país, a Mercadorama, um dos identificadores da vida empresarial paranaense no século XX, depois vendida (na sua fase áurea) ao grupo português Sonae.

Da família, Pedro é capaz de levantar, oralmente, árvores genealógicas em que além de ucranianas raízes, há

contribuição italiana (Bonvini), alemã (Fleischfresser) e a portuguesa Corrêa de Oliveira.

Pedro é um tipo humano interessantíssimo, basta que se saiba examiná-lo, provocando-o, por exemplo, para que fale de alguns de seus ídolos familiares, como o pai, José Lamartine Correa de Oliveira Lyra, que foi um cientista do Direito acatado no país, cedo levado da vida, mas que deixou marcas em universidades nas quais lecionou, na Alemanha, na Itália, e em Portugal. Lamartine, cuja vida de jurista foi de profunda e ampla imersão no Direito Civil e Constitucional, é um exemplo a cada instante referido por Pedro. Assim como o avô pa-

terno Ilídio Corrêa de Oliveira Lyra, almirante médico, filho de um dos mais notáveis coronéis típicos do Nordeste brasileiro do século XIX que foi pai de uma ampla geração de 36 filhos, legítimos e “naturais”, como se dizia então. Uma espécie de êmulo de Jerônimo Maranhão – chamado de “o Adão do Nordeste”, tal o número de filhos que gerou.

De Lamartine, guarda um punhado de saudade, lembranças daquele católico que não admitia filhos distantes da igreja, na Semana Santa, e que, ao mesmo tempo, desenhava uma ação catequética forte contra a ditadura militar e as injustiças sociais, anos 60 a 80s.

Tentou estudar Direito, chegou a trabalhar como estagiário no escritório do pai. Desistiu. Cursou Ciências Sociais, ao que parece sem muito entusiasmo, mas da escola ficaram algumas sensibilidades sociais (despertadas por Lamartine, em casa, por primeiro), como a aversão à demagogia dos políticos e à insensibilidade nacional para com as questões do ensino e da educação.

Brizola chegou a ser ídolo, por poucos anos, desse hoje empresário de múltiplos interesses. Conheceu o caudilho gaúcho-carioca quando, recém-voltado do exílio, Brizola foi visitar o pai, em companhia de Stênio Jacob, na casa da família: queria Lamartine filiado ao seu PDT, ideia na hora descartada pelo jurista.

Pedro foi brizolista doente, empolgações da juventude.

Na Importadora Porto a Porto, de vinhos importados, produtos de gastronomia fina e acessórios gastronômicos, instalada numa galeria do bairro Seminário, o amplo espaço é de uma funcionalidade equilibradíssima. Bom gosto, harmonia, em cada canto, como aquele em que a ampla mesa serve para receber para refeições quase sempre preparadas por ele. O salão é circundado por prateleiras com mil e uma marcas de vinhos – “não trabalhamos com destilados”, faz questão de esclarecer. Os convidados podem ser clientes, potenciais clientes, ou simplesmente amigos diletos. O jornalista Antônio Carlos Carneiro Neto, uma alma vivaz, espírito observador, pontua os momentos de confraternização, com intervenções certeiras e bem humoradas. Outro amigo encontrável por lá é o advogado Guilherme Rodrigues, amigo de longa data de Pedro. E não falta o irmão Fernando, que por dez anos foi geólogo da Petrobrás, e pas-

sou a maior parte desse tempo embarcado em barcos de pesquisas. Hoje é sócio de Pedro e de Luiz André – seu irmão mais velho – em outras atividades empresariais.

Pedro não nega seu Senhor, ao contrário do outro Pedro, a quem Jesus entregou as chaves do Reino. Na sala em que recebe as visitas, num espaço especial, o crucifixo domina o local. É símbolo de fé herdada da mãe, Leonor, outra referência afetiva de que não se distancia, e tão caro igualmente ao pai. Os dois começaram a namorar quando Lamartine era dirigente nacional da JUC – a Juventude Universitária Católica –, de papel importantíssimo na passagem política do Brasil, anos 50 e 60s; ela, formada pelas irmãs de São José de Chambery, no então conservador Colégio Nossa Senhora de Lourdes (Cajuru), pertencia à JEC – a aguerrida Juventude Estudantil Católica.

Acredita Pedro que seu papel de cidadão e cristão ele o cumpre como bom empregador e participante de atividades comunitárias, como a Pró-Renal, além de outras obras sociais.

Não acredita que baste gostar de gastronomia ou exibir requintes na escolha de vinhos ou na demonstração de *expertise* em enofilia, o cultivo da uva, as safras, etc. Isso pode ser só adereço. Por isso, Pedro vai às raízes de seu ramo/prazer. Em sua sala de trabalho, uma biblioteca – uma centena de títulos – mostra-o íntimo de realidades com as quais trabalha.

Assim, procurem-se obras em português, italiano, inglês e francês – sobretudo as de edição dos últimos 30 anos – e Pedro poderá exibir títulos que dizem os quês e porquês de vinhos e azeites, além daqueles que mostrarão receitas preciosas de cozinhas internacionais.

No fundo, o biotipo meio germânico não oculta o ainda menino embalado pelo *rock*, nem o garoto que foi Coelhoinho da Páscoa, criado com espartana austeridade pelos pais. Hoje o empresário boa praça, preocupado com o país, suas riquezas e suas limitações, quer mesmo é um pouco de folga para cultivar um de seus prazeres mais reais, que são as pescarias, o Clube Atlético Paranaense e o bom e velho *rock and roll*.